

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 11 / 12 . 2001
cod 149

## O velejador e o seringueiro

**Data:** 11/12/2001

**Autor:** Lúcio Flávio Pinto - O Estado de S. Paulo

*Em comum, entre os assassinatos de Blake e de Chico Mendes, é que os assassinos não faziam a menor idéia da importância das suas vítimas.*

**Belém** - O neozelandês Peter Blake, o maior velejador de todos os tempos, navegou o suficiente para dar 28 voltas em torno da Terra. Sobreviveu a muitas aventuras, acumuladas em sucessivas expedições, para poder comemorar a chegada dos 53 anos, quando decidiu trocar as competições a vela por uma causa: a defesa da natureza. Mal iniciada, sua nova campanha chegou ao fim na semana passada, em frente a uma praia do Amapá, no litoral norte do Brasil: ladrões ribeirinhos, mais conhecidos como ratos d'água, invadiram o ultramoderno veleiro Seamaster para assaltar seus tripulantes. Um dos oito invasores deu dois tiros em Peter, que reagiu, e o matou.

A notícia provocou impacto de amplitude internacional. Pelo fato em si e pela sua circunstância: o sacrifício de uma pessoa de tão grande influência, à qual a rainha da Inglaterra havia concedido o título de sir, por um motivo tão fútil: o roubo de um bote, um motor de popa, quatro relógios e duas câmeras fotográficas. Um preço vil por um ser humano do valor de Blake. Imediatamente a imprensa da Nova Zelândia, secundada em várias partes do mundo, associou a morte do herói nacional a um outro assassinato ocorrido na Amazônia, o do seringueiro acreano Chico Mendes, quase 13 anos antes.

O ataque ao veleiro comandado por Peter Blake não teria sido o resultado da combinação de um fato freqüente em todos os cursos d'água navegáveis do mundo (e em qualquer outra via de transporte, como as estradas de rodagem), o assalto a viajantes estranhos ao local, com negligências que facilitaram não só a execução do ato de pilhagem, como dessa agressão haver resultado uma morte.

A tripulação do Seamaster relaxou as medidas de segurança ao ancorar o barco a apenas 200 metros de uma praia de areias alvas e beleza pictórica, mas intensamente freqüentada por banhistas e descuidistas, além de assaltantes profissionais. Já as autoridades do Amapá não deram aos visitantes ilustres a atenção que eles mereciam, independentemente de as terem solicitado ou não.

A parada de Peter Blake na foz do rio Amazonas, que drena quase 20% da água que corre por todos os rios do planeta, encerrando no limite setentrional brasileiro a expedição pela maior das bacias fluviais, podia render dividendos positivos, se a arrematação da viagem fosse exitosa, ou negativos, se acontecesse um imprevisto desfavorável, como acabou sendo o caso. O ecossistema mais rico da Terra, que atraía a atenção do novo paladino da ecologia, disposto a ver os demais ecossistemas para confirmar sua condição de um dos três únicos embaixadores da ONU para o meio ambiente, serviu-lhe de túmulo.

Nesse contexto se explica o paralelo entre os dois assassinatos, o de Blake e o de Chico Mendes. O que há de incontestavelmente comum entre os dois fatos é que os assassinos não faziam a menor idéia da importância das suas vítimas. O fazendeiro Darly Alves da Silva tinha Chico Mendes como um caboclo estouvado, que se atrevia a impedi-lo de exercer o total poder de arbítrio, que considerava natural naquelas paragens remotas da última parcela incorporada ao território nacional (adquirida da Bolívia pelo Barão de Rio Branco no início do século XX). O dono de terras, como da vida e da morte em Xapuri, não sabia que o rijo Chico Mendes se tornara herói para ambientalistas e ONGs de Nova York a Paris, que se mobilizaram para dar-lhe, pós-morte, uma consagração não alcançada em vida.

Os ratos d'água da praia da Fazendinha, a oito quilômetros de Macapá, onde os viajantes deviam aportar e eram esperados, jamais imaginaram encontrar no veleiro a resistência oposta por Blake, que devia ter-se comportado como um milionário em férias, disposto a ceder os anéis pela vida, nem uma repercussão do fato suficiente para fazer a polícia agir com inusual rapidez e competência, prendendo quase toda a quadrilha em 24 horas. Não ficaram com o produto da pilhagem e ainda causaram um grande estrago, sem paralelo nos últimos tempos, à imagem da Amazônia, e ao que especificamente ela deveria render ao turismo. O que o fazendeiro acreano e os piratas amapaenses visaram não foi, nos dois episódios, o paladino de uma causa nobre, capaz de sensibilizar pessoas e instituições além-mar.

Achavam que estavam se circunscrevendo a um fato localizado. Uma vez cessado o incidente (a eliminação de um incômodo adversário dos desmatamentos e o roubo de objetos de valor encontráveis num veleiro de passeio), voltariam às suas rotinas provincianas. Nem com o seringueiro e nem com o velejador, havia um conflito de idéias, duas visões de mundo que necessitavam entestar-se para uma delas, a vitoriosa, se manter. É esse antagonismo que a opinião pública, procurando dar um significado nobre a uma infelicidade circunstancial, destacará sobre o pano de fundo dos dois acontecimentos, aproximados pela mídia, numa operação cultural.

O cenário favorece essa aproximação de idéias. Ao longo de toda a história amazônica, ao menos aquela que o colonizador europeu começou a escrever há 500 anos, o grande desafio tem sido ver a região como ela, de fato, é. O nome de batismo, Amazônia, já é o produto de um valor atribuído às guerreiras mitológicas, que o espanhol trouxe consigo e inseriu numa paisagem que, física e historicamente, não tinha lugar para ela. Mulheres não tinham função guerreira nas sociedades nativas, pré-cabralinas. E, se guerreassem, extirpando um dos seios para que ele não estorvasse o manejo do arco e flecha, não o fariam sobre cavalos, de resto inúteis, se existissem, para levar um guerreiro por entre uma selva espessa e intrincada.

Só depois da Segunda Guerra Mundial a Amazônia deixou de ser, quase sempre, o que queria que ela fosse o ocupante estrangeiro, ainda que súdito do mesmo império, falando a mesma língua ou partilhando o mesmo território e a mesma soberania nacional. Justapor a esse valor atribuído, a essa realidade criada, a essa cultura do exotismo, a plena geografia de uma região complexa, capaz de desfazer muitas das regras escritas pela simples aceitação do que é (e não o que se imagina que seja), é uma das tarefas superiores do conhecimento humano aplicado a essa última - e maior - fronteira do planeta.

### **Preconceitos**

O assassinato de Peter Blake, principalmente pelas chocantes circunstâncias em que ocorreu, vai reforçar os preconceitos e as noções prévias do inconsciente coletivo em relação a essa região seminal do mundo, que hoje preocupa, fascina ou angustia gente em todos os quadrantes desta Terra azul, conforme pôde constatar a Unesco, quatro anos atrás, em uma pesquisa aplicada nos quatro continentes.

A pirataria, que traz de volta a imagem da sanguinolência na história colonial (os modernos marinheiros do império britânico em atrito com piratas primitivos dos quatro mares), talvez ofusque os problemas reais - e permanentes - de uma bacia que, só na área de drenagem do maior rio do mundo, o Amazonas, tem 3,5 milhões de quilômetros quadrados dentro do Brasil, sua parte maior e menos conhecida (e mais desprezada, a despeito de toda a retórica em contrário).

Por uma regra de probabilidades, a criminalidade que alcança parcelas crescentes da população regional, no rastro de problemas sociais que se agravam com a implantação de grandes projetos econômicos, para os quais deveriam ser a solução, chegou também a um personagem estranho a esse círculo dantesco, o grande campeão neozelandês de iatismo. Mas seu corpo embalsamado não arrastou consigo a teia de problemas na qual, involuntariamente, se enredou. Ao inverso, sua memória deixará plantadas na bela paisagem que o atraiu idéias e conceitos que ele estava

começando a se empenhar em desfazer, na condição de embaixador mundial da ecologia.

Peter Blake foi com seu sofisticado veleiro para a Amazônia disposto a ver, com os próprios olhos, diretamente, uma região que um número crescente de terráqueos só consegue ver com a imaginação, à distância, projetando sobre o objeto do interesse a imagem de suas próprias necessidades. Desaparecendo de forma tão infeliz nesse locus da passionalidade (e da paixão) mundial, Blake vai arrefecer o impulso bom e estimular o hábito negativo, consagrando uma Amazônia que não é, em proveito de uma Amazônia que querem que seja. E que sacrificam, no altar da destruição, em nome do progresso, seguindo um roteiro que chega à região já escrito, a partir de fora.

**Lúcio Flávio Pinto** é *jornalista*.

**Copyright © 2001 Amigos da Terra - Amazônia Brasileira. - Todos os direitos reservados.**